

**PERCEÇÃO DE QUALIDADE DE VIDA, PERFIL
SOCIODEMOGRÁFICO E VULNERABILIDADE ECONÔMICA DE
MULHERES DO QUILOMBO TIJUAÇU NO ESTADO DA BAHIA,
BRASIL**

**QUALITY OF LIFE PERCEPTION, SOCIODEMOGRAPHIC PROFILE
AND ECONOMIC VULNERABILITY OF WOMEN FROM QUILOMBO
TIJUAÇU IN THE STATE OF BAHIA, BRAZIL**

**PERCEPCIÓN DE LA CALIDADES DE VIDA, PERFIL
SOCIODEMOGRAFICO Y VULNERABILIDAD SOCIAL DE LAS
MUJERES DEL QUILOMBO TIJUAÇU EN EL ESTADO DE BAHIA,
BRASIL**

Maria Aparecida Conceição Nunes¹
Diego Freitas Rodrigues²
Cristiane Costa da Cunha Oliveira³

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar o nível de qualidade de vida percebido, o perfil sociodemográfico e o modo de vida de mulheres do quilombo Tijuaçu, localizado no estado da Bahia, Brasil. Trata-se de um estudo transversal com abordagem quantitativa com 313 mulheres em 13 comunidades com aplicação de roteiro de entrevista e do instrumento de avaliação da qualidade de vida, WHOQOL-bref da Organização Mundial de Saúde. O resultado foi uma percepção positiva para qualidade de vida global apesar dos resultados sugerirem vulnerabilidade econômica e dependência de programas sociais, a exemplo do Programa Bolsa Família, registrado em 74,6% das mulheres estudadas. Para alterar essa lógica, há a necessidade de implementação de programas e investimentos para autonomia produtiva e melhoria das condições de infraestrutura e saúde.

Palavras-chave: Estilo de vida; Saúde da mulher; Qualidade de vida; Comunidade rural.

¹Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Professora da educação básica do Estado da Bahia. Licenciada em Ciências (Universidade de Pernambuco), Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UESC). Doutora em Saúde e Ambiente (UNIT). ID ORCID: 0000-0002-1355. E-mail: cidanunescaj17@gmail.com.

²Professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Tiradentes. Doutor em Ciência Política. ID ORCID 0000-0001-5698-596X.

³Professora-pesquisadora da Universidade Tiradentes. Doutora em Odontologia- Saúde Coletiva. Graduada em Odontologia, Mestre em Odontologia. ID ORCID 0000-0003-1439-7961.

ABSTRACT

The article aims to analyze the sociodemographic profile and the level of quality of life of women from the Quilombo Tijuáçu, located in the state of Bahia, Brazil. This is a qualitative and quantitative study with 313 women in 13 communities. An interview script was applied and the quality of life assessment instrument WHOQOL-bref from the World Health Organization. The result was a positive perception of global quality of life, even though these women are living in precarious conditions with economic vulnerability and dependence on welfare programs as the Bolsa Família Program registered in 74,6% women studied. In order to change this situation, there is a need to implement programs and investments to productive autonomy and improvement of infrastructure and health conditions.

Keywords: Lifestyle; Women's health; Quality of life; Rural communities.

RESUMEN

El artículo objetiva analizar el perfil sociodemográfico y el nivel de calidades de vida de las mujeres quilombolas del quilombo Tijuáçu, localizado en el estado de Bahia, Brasil. Se trata de un estudio cualitativo y cuantitativo realizado con 313 mujeres distribuidas en trece comunidades. Por medio de datos colectados con un guion de entrevista y de la aplicación del cuestionario de calidad de vida WHOQOL-Bref de la Organización Mundial de Salud. El resultado fue una percepción positiva para la calidad de vida global, aunque que esas mujeres vivan en condiciones precarias con vulnerabilidad económica y dependientes de los programas asistenciales, ejemplo del Programa Bolsa Família registrado en 74,6% de las mujeres estudiadas. Para cambiar esa lógica, hay la necesidad de implementación de programas y inversiones dirigidas a la autonomía productiva y mejoras de las condiciones de infraestructura y salud.

Palabras clave: Estilo de vida; Salud de la mujer; Calidad de vida; Comunidad rural.

INTRODUÇÃO

Os registros da formação das comunidades negras no interior da Bahia remontam aos tempos dos currais de Garcia D'Ávila que compreendem o período da colonização do Brasil no século XVII (por volta de 1640) até o século XVIII, com a instituição da criação de gado à solta. Nesse período, foi estabelecida a pecuária extensiva e grandes áreas territoriais foram ocupadas para a criação de gado com a finalidade de abastecer a Corte na Bahia. Nas áreas junto aos currais, era permitida a criação de pequenos animais e o cultivo de subsistência com roçados destinados aos plantios de feijão, arroz, milho, cana-de-açúcar, mandioca e algodão pelas famílias dos vaqueiros, indígenas e negros, formando as primeiras comunidades rurais e aglomerados. Os moradores destas comunidades podiam caçar, pescar e coletar outros alimentos, principalmente frutos silvestres e cultiváveis, o que contribuiu para a formação de uma sociedade extrativista por excelência, Marques (2016).

Com a instituição desta sociedade extrativista, registra-se a formação das primeiras comunidades hoje tidas como tradicionais no bioma caatinga, como as aldeias indígenas, as comunidades de fundo de pasto e as comunidades negras, denominadas quilombos. Essas comunidades desenvolvem atividades voltadas ao extrativismo vegetal, caça e agricultura de subsistência em “terras comuns”, áreas de uso coletivo com utilização de aguadas e terras para o pastoreio do rebanho, também mencionado nos estudos de Lopes (2018).

Os Quilombolas, foco deste estudo, estão incluídos na Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT, Decreto n. 6.040 de 07 de fevereiro de 2007, compõem a Comissão Nacional de Desenvolvimento de Povos e Comunidades Tradicionais e são considerados Povos de Tradição, Shiraishi (2007).

A escolha para este estudo do quilombo de Tijuaçu, localizado na zona rural do semiárido do estado da Bahia, Brasil, se justifica por seu processo histórico, cultural e identitário de luta, pelo seu reconhecimento enquanto comunidade quilombola e por seus aspectos produtivo e sociocultural inerentes ao seu povo e ao seu modo de vida, Carvalho e Oliveira (2014).

O objetivo deste artigo foi analisar a percepção das mulheres quilombolas em relação aos aspectos sociodemográficos, produtivos, o modo de vida e o nível de qualidade de vida em 13 comunidades do quilombo Tijuaçu.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal com abordagem quantitativa através da coleta de dados sociodemográficos, produtivos, modo de vida, percepção de qualidade de vida das entrevistadas e sua análise numa perspectiva teórica global, envolvendo gênero, etnia e modo de vida de mulheres do quilombo Tijuaçu, Creswell (2010).

O quilombo Tijuaçu está inserido nos municípios de Senhor do Bonfim, Filadélfia e Antônio Gonçalves, no estado da Bahia, Brasil, pertencente à região Nordeste, à bacia do rio Itapicuru e ao Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, Couto (2012).

O referido quilombo Tijuaçu possui o título de reconhecimento de comunidade tradicional, certificado pela Fundação Cultural Palmares, livro de cadastro geral n. 3, registro 241, fl.47, em 21 de junho de 2005 e publicado no Diário oficial da União em 12 de julho de 2005. No entanto, aguarda desde 2015 após o Decreto de desapropriação de 22 de junho de 2015, a conclusão do processo de regularização do território quilombola com a devida

expedição por parte do INCRA do título coletivo para ampliar e passar a existir legalmente como proprietário do seu território de direito, da terra de onde vem sua subsistência.

Para definição do cálculo amostral, tomou-se como base o quantitativo de 1062 famílias distribuídas em 13 comunidades (Alto Bonito, Anacleto, Macaco I, Macaco II, Olaria, Quebra Facão, Tijuacu, Conceição, Canafista, Cariacá, Lages, Cazumba I e Cazumba II) com população do quilombo de aproximadamente 5000 pessoas, Carvalho e Oliveira (2014).

Após definição do cálculo amostral e estabelecido o intervalo de confiança padronizado em 95% para apresentar significância estatística ($p < 0,05$), foram realizadas entrevistas com 313 mulheres, representando suas famílias e distribuídas proporcionalmente nas comunidades citadas, Barbeta (2010).

O critério de inclusão para as mulheres participantes foi a idade entre 18 e 65 anos e ser residente na comunidade. Como critérios de exclusão, mulheres quilombolas que desenvolvam atividades produtivas em ambiente urbano e não tenham mais vinculações cotidianas com os trabalhos realizados na comunidade. Com o esclarecimento dos objetivos da pesquisa e lido o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o mesmo foi assinado pelas mulheres para início da coleta de dados.

Para tanto, reportou-se ao roteiro de entrevista fechado, contendo perguntas sobre a situação sociodemográfica e modo de vida e o instrumento World Health Organization Quality of Life, o questionário do WHOQOL– bref-qv da Organização Mundial da Saúde (OMS), composto por 26 itens/questões com 24 facetas, distribuídas em quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e ambiental para servir como instrumento de verificação do nível de qualidade de vida. A pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob parecer n. 2.519.163, CAAE 80941417.2.0000.5641, atendendo as exigências referentes à Declaração de cumprimento das normas da resolução CNS/MS 510/16.

Nesta pesquisa, levou-se em consideração a definição de qualidade de vida proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que é “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”, OMS (1998).

A análise quantitativa foi realizada com auxílio do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) 22,0. Para análise das taxas como variáveis numéricas, foi necessário verificar a distribuição da normalidade dos escores por meio do teste Kolmogorov-Smirnov com correção de Lilliefors. Após observar a não parametria (distribuição não paramétrica) das

variáveis (domínios físico, psicológico, relações sociais e ambiental), foi utilizado o teste Kruskal-Wallis de amostras independentes com intuito de verificar a diferença entre os domínios de qualidade de vida nos participantes das comunidades quilombolas, bem como os valores que as entrevistadas recebem do Programa Bolsa Família.

Para as variáveis categorizadas, foi utilizado o teste qui-quadrado de Pearson para avaliar a diferença da distribuição dos dados entre as treze comunidades em relação aos dados sociodemográficos. Após a obtenção dos resultados, os dados foram organizados em frequência relativa e absoluta e demonstrados em tabelas e figuras.

Foi utilizado o teste tau-b de Kendall para avaliar a correlação e sua respectiva força de influência entre as variáveis, Hinkle *et al.* (2003). Com a aplicação dos testes estatísticos, foram obtidos resultados em frequência absoluta e relativa, com intervalo de confiança padronizado em 95% para apresentar significância estatística ($p < 0,05$), (FLECK *et al.*, 2000; PEDROSO *et al.*, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2018, foi realizada a imersão no cotidiano das comunidades. A coleta de dados para o estudo ocorreu nos anos de 2019 e 2020 e foi concluída antes do período da aplicação das medidas restritivas devido à Pandemia do COVID 19. Foram entrevistadas 313 mulheres, representando suas famílias, com idades entre 18 e 65 anos. Os resultados quanto à faixa etária apresentaram um equilíbrio percentual: 18-32 anos com 26,2%; 33-40 anos 21,4%; 41-50 anos 25,2% e 51-65 anos 27,2%. As frequências de idades registradas são próximas às obtidas nos estudos de Araújo *et al.* (2017) em comunidades quilombolas do norte do Brasil.

Autodeclararam-se negras 65,8% das entrevistadas, 30,4%, pardas e somente 3,5% brancas. A escolaridade predominante entre as entrevistadas é o ensino fundamental com menos de 8 anos de estudo formal, dado ocorrido também nos estudos de Martins e Nishijima (2010), sendo que essa baixa escolaridade nas comunidades do quilombo Tijuaçu chega a 60,7% das entrevistadas.

O baixo nível de escolaridade registrado no território quilombola Tijuaçu também é semelhante a outras comunidades, tais como Araújo *et al.* (2017), e constitui um elemento restritivo ao desenvolvimento humano. Isto se reflete negativamente na dinâmica de implementação das práticas produtivas inovadoras com ênfase na produtividade e na autonomia financeira.

Os dados referentes à escolaridade demonstram a necessidade de incentivar o ingresso à Educação de Jovens e Adultos – EJA, com o objetivo de propiciar o acesso à educação básica formal com o desafio de desenvolver dentro de uma lógica emancipatória e transformadora defendida pelo IBRAQ⁴ (Instituto Brasil Quilombola) no intuito do fortalecimento da identidade tradicional e reparar o baixo índice de escolaridade.

Quanto à ocupação das mulheres, 6,4% são estudantes, as que desenvolvem trabalho formal representam apenas 5,1%, trabalho informal, 80,5%, aposentadas, 16% e 99,4% se declararam ser donas de casa, demonstrando que acumulam as atividades do lar com as demais ocupações, principalmente com o trabalho informal como verificado nos dados do estudo de Araújo *et al.* (2017).

Estes resultados vêm corroborar que as comunidades negras são significativas e que a maioria delas se encontra entre os grupos mais vulneráveis do Brasil com baixa escolaridade, com dificuldade no acesso ao trabalho formal, confirmados a partir dos dados da pesquisa e em consonância com o estudo de Martins e Nishijima (2010).

Entende-se por trabalho informal as atividades desenvolvidas no cultivar da produção, venda dos produtos e subprodutos nas feiras (acarajé, milho, feijão, artesanato...), criação de animais, dentre outras declaradas e exercidas pelas mulheres nas comunidades pesquisadas. Em destaque, estão as seguintes atividades: agricultura, pecuária, artesanato, porém rezadeira que consta na Tabela 1 é uma atividade desenvolvida por poucas mulheres das comunidades e não é considerada pelas entrevistadas um trabalho e sim, uma missão, um dom.

Com base nos dados apresentados na Tabela 1, observa-se que, entre as atividades e comunidades estudadas, existe uma diferença significativa ($p < 0,05$), tomando-se como exemplo a pecuária exercida em Cariacá por apenas 50% das entrevistadas em relação à comunidade de Alto Bonito por 100%. Isso ocorre devido à indisponibilidade de área produtiva em Cariacá, limitando-se à criação de animais de pequeno porte, ao contrário de Alto Bonito em que as famílias dispõem de terras para produção, onde desenvolvem suas práticas seculares, mesmo que em diminutas áreas, resultando em baixa produtividade devido à falta da regularização fundiárias e incentivos financeiros.

Como evidenciado por Carvalho e Oliveira (2014), as mulheres do quilombo Tijuacu reconhecem que possuem condições de suprir as necessidades básicas da família a partir do que

⁴ O IBRAQ, CNPJ 27.550.523/0001-68, é uma organização gerida pelas lideranças do próprio quilombo e com sede em Tijuacu, que oferece cursos de graduação em pedagogia, educação física e administração e de Pós-Graduação: Especialização em História da África e Cultura Afro Brasileira e Indígena.

é produzido na unidade produtiva, mas ressaltam que para superar as limitações, necessitam de contribuições externas.

Dentre as atividades desenvolvidas nas comunidades, destaca-se a prática da agricultura de subsistência, que é exercida por 100% das entrevistadas em Anacleto, Macacos I, Alto Bonito, Cazumba II, Lages e Olaria, onde a produção é destinada basicamente para consumo familiar. Quando ocorre a comercialização para os povos tradicionais, não está voltada ao ganho do lucro pelo lucro, como observado no estudo de Neves e Mendonça (2018), em que prevalece o trabalho exercido no grupo familiar e comunitário por meio da reciprocidade.

Tabela 1- Atividades desenvolvidas pelas mulheres entrevistadas do Quilombo Tijuaçu em 2019

Comunidades n (total)	Atividades			
	Agricultura n (%)	Pecuária n (%)	Artesanato n (%)	Rezadeira n (%)
<i>Anacleto</i> n = 9	9 (100)	8 (88,9)	1 (11,1)	2 (22,2)
<i>Cariacá</i> n = 30	20 (66,7)	15 (50)	7 (23,3)	1 (3,3)
<i>Macacos I</i> n = 12	12 (100)	10 (83,3)	1 (8,3)	0 (0)
<i>Alto bonito</i> n = 14	14 (100)	14 (100)	0 (0)	3 (21,4)
<i>Canafista</i> n = 15	12 (80)	10 (66,7)	1 (6,7)	0 (0)
<i>Cazumba I</i> n = 15	13 (86,7)	9 (60)	3 (20)	0 (0)
<i>Cazumba II</i> n = 9	9 (100)	8 (88,9)	0 (0)	1 (11,1)
<i>Conceição</i> n = 15	14 (93,3)	12 (80)	1 (6,7)	2 (13,3)
<i>Lages</i> n = 10	10 (100)	8 (80)	2 (20)	0 (0)
<i>Macacos II</i> n = 13	12 (92,3)	8 (61,5)	0 (0)	1 (7,7)
<i>Olaria</i> n = 15	15 (100)	12 (80)	0 (0)	0 (0)
<i>Quebra facão</i> n = 14	13 (92,9)	9 (64,3)	1 (7,1)	3 (21,4)
<i>Tijuaçu</i> n = 142	114 (80,3)	74 (52,1)	36 (25,4)	2 (1,4)
Total n = 313	267 (85,3)	197 (62,9)	53 (16,9)	15 (4,8)
p*	0,013	0,003	0,031	0,001

Fonte: Elaboração dos autores. * Qui-quadrado de Pearson

Como mencionado anteriormente, a dimensão das áreas produtivas reflete diretamente na produção, a exemplo do criatório de animais, em que é priorizada a criação de animais de pequeno porte como galinhas por 199 mulheres e porcos por 54 mulheres. A criação desses

animais garante a renda das famílias através do consumo e comercialização dos produtos e subprodutos.

Quanto às atividades extrativistas exercidas pelas mulheres, a pesquisa constatou que 88,2% faz algum tipo de extrativismo vegetal, principalmente de ervas medicinais. A extração do licuri (palmeira sertaneja) foi mencionada em menor frequência, assim como também a confecção de artesanato em palha, mas com potencial de ampliação.

Nas comunidades pesquisadas, as mulheres participam ativamente na associação (88,2%), 48,2% mantêm relação com órgãos governamentais e 94,6% têm vínculo com alguma instituição religiosa, demonstrando que existe uma rede de atores sociais que podem facilitar o diálogo e a implementação de práticas colaborativas. Elas são líderes em 78,6% dos lares, exercendo tomadas de decisões nas famílias e nos ambientes coletivos do território. Esses dados se assemelham ao observado no estudo Moreira *et al.* (2016), em que as mulheres da comunidade de Itamatatua no Maranhão mobilizam a estrutura social, política e econômica, despertando o interesse em conhecer e compreender esse espaço. Tais dados poderiam ser tomados como parâmetros para implantação de arranjos produtivos locais relacionados com a sociobiodiversidade.

Os arranjos produtivos locais da sociobiodiversidade são organizações locais formadas por extrativistas que constituem grupos informais, associações e cooperativas. Essa estrutura contribuiria para a comercialização dos produtos das mulheres quilombolas de Tijuaçu, a exemplo do licuri, ervas para chá, artesanatos em palha por meio da cadeia de valores, sendo organizados os bens e serviços, denominados “produtos da sociobiodiversidade”, amparados pela política governamental do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, BRASIL (2019), que contempla as potencialidades da agrobiodiversidade.

Com base nessa proposta, as práticas extrativistas, a liderança e a interlocução realizadas pelas mulheres pesquisadas, alavancariam a implantação dos APLs da sociobiodiversidade, com a intenção de quebrar a dependência dos programas assistencialistas. Constata-se que a prática produtiva baseada na manutenção alimentar das famílias, mesmo sendo com a pequena renda proveniente da comercialização, é destinada para as despesas do cotidiano e não supre as necessidades, caracterizando um perfil de comunidade rural carente que vive no limiar da pobreza e com intrínseca dependência dos programas sociais para subsistência

Foi observado na pesquisa, também, que mesmo as mulheres quilombolas mantendo bons laços de interlocução, ainda compõem frágil arranjo produtivo, quando vendem o excedente da

sua produção de forma individual na comunidade e/ou em feiras de outros municípios, tanto os produtos provenientes da agricultura e pecuária como os extrativistas. No entanto, com a instituição dos arranjos produtivos locais da sociobiodiversidade, poderiam viabilizar a comercialização, aplicando preço justo e agregando renda à economia familiar. Enquanto não se torna realidade, as famílias têm necessidades básicas e vivem principalmente na dependência de Programa de transferência de renda, a exemplo do Programa Bolsa Família.

As dificuldades das comunidades em implementação de ações para fortalecer a produtividade e comercialização dos seus produtos passam também pela falta de regularização fundiária. Mesmo com a certificação do território e publicação do decreto presidencial de desapropriação em 22 de junho de 2015, nº 117, p. 12, o processo de regularização fundiária encontra-se paralisado, inviabilizando uma produção condizente com o sustento das famílias e com a comercialização do excedente.

Segundo Sousa e Santos (2019), a regularização das terras é apontada pelos quilombolas como o maior impasse para a produção agrícola, visto que é ela que propicia as condições de permanência, de referências simbólicas importantes, enfim, constitui um suporte para a manutenção do seu modo de vida. Portanto, a falta dela, obriga alguns moradores a buscar empregos e moradia em outras localidades, provocando o distanciamento das famílias e das atividades tradicionais. Exemplifica-se o caso de uma moradora de Tijuaçu que passa meses para a casa do seu filho no município de Uauá, BA localizado 175 Km de Tijuaçu para comercializar acarajé. E muitos outros casos, segundo relato das mulheres, de indivíduos que estão morando nos centros urbanos da região sudeste devido à falta de emprego, terra e condições para viver no quilombo.

Para Ennes e Marcon (2014), o local de identidade está no contexto laboral e do sentimento coletivo compartilhado no espaço geográfico de identidade tradicional. A lida na roça, o cultivar, colher, alimentar a família, compartilhar a colheita com os familiares é mais importante do que a comercialização na intenção exclusiva do lucro, mas mesmo assim as mulheres das comunidades se mobilizam toda a semana para a venda do excedente da produção na feira livre da própria comunidade e nos municípios de Senhor do Bonfim, Jaguarari, Filadélfia, todos localizados no estado da Bahia, Brasil.

Quanto à renda das mulheres, 92,7% do total das entrevistadas recebem até um salário mínimo, representado, em muitos casos, pelo programa de transferência de renda do governo federal, o Programa Bolsa Família, que beneficia 74,6% das entrevistadas. Este é um valor

muito menor do que o salário mínimo vigente no país, pois segundo os dados, a média do benefício situa-se em R\$ 130,00, ou seja, US\$ 24,16 (baseado na cotação do dólar comercial de 08/01/2021 em R\$ 5,38). Para quem recebe entre R\$ 85,00 a R\$ 200,00, o que corresponde a 74,6% do total das beneficiadas, esse é um valor abaixo da média dos benefícios no estado da Bahia, segundo o Ministério da Cidadania Brasil (2020) cujo valor médio no Estado é de R\$ 189,57.

Diante dos resultados deste estudo, evidenciou-se que a maioria das famílias entrevistadas do quilombo Tijuaçu é vulnerável financeiramente, tomando como base a renda familiar precária registrada em 92,7% do total das entrevistadas. Estas recebem abaixo do salário mínimo vigente no Brasil de R\$ 1.045,00, o que corresponde a US\$ 194,23 (cotação do dólar comercial em 08/01/2021). Embora com o resultado deste estudo haja percepção positiva para qualidade de vida global, a análise dos dados do WHOQOL-bref demonstrou que em relação à faceta recursos financeiros foi atingido o escore 27,25 (Figura 2), resultado obtido a partir da análise das respostas das 313 mulheres entrevistadas, sendo a menor média entre as facetas para qualidade de vida global.

Embora os valores repassados pelo Programa Bolsa Família aumentem significativamente de acordo com o número de pessoas na família ($p < 0,05$), ainda existem famílias numerosas que recebem valores semelhantes àquelas com quantitativo menor de membros na família, ou seja, entre R\$ 85 a R\$ 200 (Tabela 2).

Como mencionado anteriormente, esse é um valor abaixo da média do benefício no estado da Bahia, confirmando a situação de vulnerabilidade financeira e demonstrando a necessidade de ações estruturantes na área produtiva com regularização fundiária na intenção de alterar a lógica assistencialista pela autonomia financeira destas comunidades.

Tabela 2 - Programa Bolsa Família por quantidade de pessoas na residência no quilombo Tijuaçu em 2019

Valor do Bolsa Família	Quantidade de pessoas em casa			Total	p*
	Sozinha	Até 3	Mais de 3		
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	
85-120	13 (92,9)	36 (39,1)	13 (12,1)	62 (29,1)	
121-200	1 (7,1)	47 (51,1)	49 (45,8)	97 (45,5)	<0,001
201-350	0 (0)	9 (9,8)	31 (29)	40 (18,8)	

>350	0 (0)	0 (0)	14 (13,1)	14 (6,6)
------	-------	-------	-----------	----------

Fonte: Elaboração dos autores * Qui-quadrado de Pearson

Observa-se que quando se buscou associação entre os níveis de qualidade de vida das pessoas que recebem as faixas de valores referentes ao benefício do Programa Bolsa Família entre R\$ 85,00 e R\$ 350,00, resultou nos seguintes registros de escores: domínio Físico (64,3), Psicológico (64,3), Relações Sociais (66,6), Ambiental (48,8). A partir dos testes de comparação de medianas chegou-se à conclusão que não houve diferença estatística entre os domínios citados e o valor que as entrevistadas recebem do Programa Bolsa Família.

A exemplo dos resultados do domínio ambiental, que apresentam os menores escores em todas as faixas de valores recebidos pelas beneficiárias, fica comprovado que essa injeção de recursos assistencialistas não altera as condições ambientais das famílias e sua qualidade de vida e que atende praticamente as necessidades básicas de sobrevivência. Mesmo assim, foi constatada durante a visita de campo a importância desse programa como fonte de renda para as famílias em situação de vulnerabilidade econômica, sendo para 68,6% das famílias entrevistadas o principal recurso para suprir as necessidades básicas (Figura 1). Dependência registrada também em comunidades quilombolas do estado do Pará, Araújo *et al.* (2017).

Apesar do valor monetário baixo, esse Programa é de suma importância e imprescindível para a manutenção de famílias carentes, principalmente no meio rural, daí ser compreensível a grande preocupação por parte das entrevistadas na perda do benefício.

Dados da imprensa nacional informam que 3,5 milhões de pessoas, representando 1,5 milhão de famílias de baixa renda, já estão na lista de espera para inclusão no referido programa, segundo a Revista Exame (2020). Isto aumenta ainda mais o número de famílias que vivem em extrema vulnerabilidade, privadas de terem acesso à mínima subsistência.

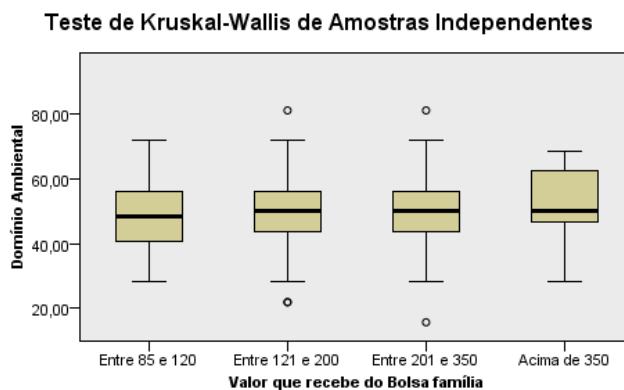
O referido programa atende famílias com filhos de 0 a 17 anos que vivem em situação de extrema pobreza, com renda per capita de até R\$ 89,00, e de pobreza, com renda mensal entre R\$ 89,00 e R\$178,00. Este é o perfil característico observado nas comunidades pesquisadas, confirmando a necessidade de ampliação de políticas sociais para essas comunidades estudadas.

Ao analisar os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA, Souza *et al.* (2019), este menciona que o programa tem um impacto relevante na redução da pobreza: suas transferências reduzem a pobreza em 15% e a extrema pobreza em 25%. O mesmo instituto apresenta ainda que: “A permanência na pobreza após a transferência, salvo erros na declaração

dos valores de renda (própria e transferida), só pode ser explicada pelo problema do valor médio transferido (R\$189,00), que continua sendo insuficiente para muitas famílias”.

Fica assim demonstrada a consonância entre os dados oficiais e a pesquisa, evidenciando que a situação das famílias do quilombo Tijuacu é um espelho do cenário nacional. E, conseqüentemente, a falta ao acesso do programa traria um impacto social e financeiro extremamente negativo, como também na qualidade de vida das famílias, aumentando o índice de extrema pobreza entre as famílias das comunidades estudadas.

Figura 1 – Domínio Ambiental de qualidade de vida por valores do Programa Bolsa Família



Fonte: Elaboração dos autores.

Quanto à análise da qualidade de vida global das mulheres do quilombo Tijuacu distribuídas nas 13 comunidades estudadas, observou-se que nos domínios físico e psicológico não há diferença estatística entre as comunidades ($p > 0,05$). Já nos domínios relações sociais e ambiental, essa diferença estatística existe.

No domínio relações sociais, a diferença ocorre entre Olaria (83,3) e as comunidades: Conceição (58,3), Anacleto (66,6), Cariacá (66,6) e Tijuacu (66,6). No domínio ambiental, ocorre entre Olaria (56,2) e Alto Bonito (42,2) ($p < 0,05$), verificando-se diferença significativa dos escores para QV. Sobressai-se, neste caso, a comunidade de Olaria em relação às demais por apresentar os melhores escores nos domínios: psicológico, relações sociais e físico. Conforme dados coletados, com aplicação dos instrumentos de pesquisa, na comunidade Olaria há maior acesso à área produtiva e maior interação nas relações pessoais, suporte e apoio pessoal e familiar.

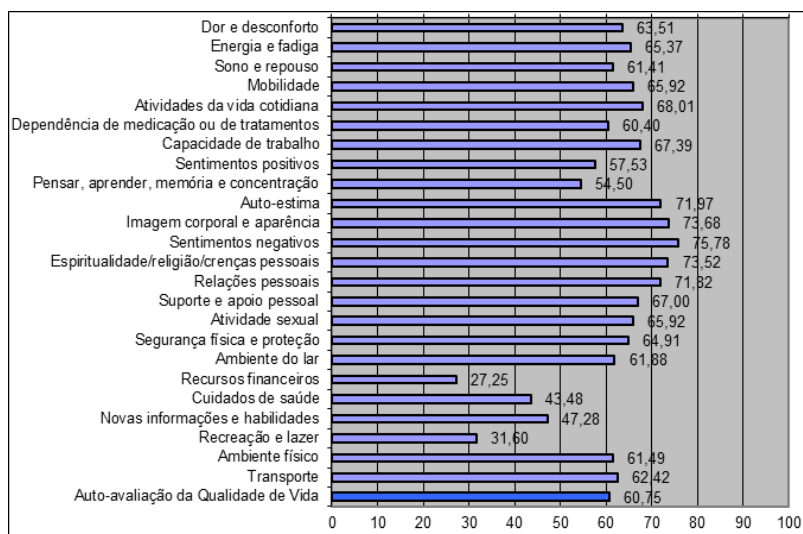
Estes resultados ocorrem devido aos altos índices apresentados em Olaria principalmente relacionados às atividades da vida cotidiana, suporte e apoio pessoal, ambiente físico,

espiritualidade/religião, registrando a autoestima para a média 63,33 e a autoavaliação da qualidade de vida (71,67) com a segunda maior média nas comunidades.

Ao analisar na Figura 2, os escores das facetas dos domínios de qualidade de vida, relacionados às comunidades do estudo, observa-se que as menores médias estão relacionadas aos recursos financeiros (27,25), recreação, lazer (31,60), cuidado com a saúde (43,48) e as maiores médias são espiritualidade/religião (73,52), relações pessoais (71,82), autoestima (61,88) e capacidade de trabalho (67,39). O baixo índice da faceta dos recursos financeiros a partir da análise dos dados coletados por meio roteiro de entrevista, está relacionado à baixa produtividade devido à diminuta área disponível para produção, à falta de acesso ao crédito e ao trabalho formal. Mesmo assim, essas mulheres possuem uma expressiva disposição ao trabalho evidenciada na faceta capacidade de trabalho (67,39), confirmada durante as observações campo, acompanhando as entrevistas na colheita do feijão, na venda do acarajé e do milho.

Um aspecto preocupante nestas comunidades está voltado à faceta sentimentos negativos com média 75,78, média alta registrada para esta faceta, e que leva a qualidade de vida destas mulheres para uma percepção negativa desse escore. Isto foi registrado no momento das entrevistas com muitos casos de ansiedade, mau humor e alguns casos de depressão. Contrapondo a isso, foi relatado pelas mulheres pesquisadas, que o seu principal refúgio é basicamente a igreja (católica e evangélica), confirmado na faceta espiritualidade/religião (73,52), seguido pela família e, em alguns casos, o apoio dos amigos. Neste aspecto, também como ponto positivo, registra-se a autoestima elevada das mulheres entrevistadas (71,97). Porém, se faz necessária a realização de ações na área de saúde pública, lazer, trabalho voltadas às práticas sustentáveis, respeitando-se as tradições locais e seus anseios.

Figura 2 – Escores das facetas dos domínios de qualidade de vida (WHOQOL0 bref - OMS).



Fonte: Elaboração dos autores.

O resultado geral dos escores em relação aos quatro domínios apresenta uma correlação positiva para qualidade de vida global das mulheres entrevistadas. Isto também é evidenciado pelos escores das facetadas quanto à autoavaliação da qualidade de vida, embora o domínio ambiental apresente escores muito abaixo em relação aos demais domínios. Todavia, o resultado dos escores médios indica a percepção do indivíduo quanto a sua satisfação em cada aspecto de sua vida, em relação a sua qualidade de vida, ou seja, quanto maior a pontuação, melhor essa percepção, Silva *et al.* (2014).

No quilombo Tijuáçu, em muitos casos, os escores do domínio ambiental são representados pela insatisfação das entrevistadas em relação à deficiência de recursos financeiros, à ausência de infraestrutura de qualidade, pela falta de tratamento dos efluentes sanitários, como também acesso aos serviços de saúde e ausência de área de recreação e lazer.

No estudo de Torales *et al.* (2019), as entrevistadas na comunidade Patioba em Sergipe, Brasil registraram os problemas ambientais vinculados à infraestrutura relacionados a acesso à água, saneamento básico e coleta de lixo e ressaltam a importância do cuidado coletivo para a preservação da vida humana.

As mulheres do quilombo Tijuáçu registraram a falta de pavimentação de ruas, que apresentam pontos de alagamentos no período das chuvas e irregularidades nas vias públicas, o que dificulta a locomoção, principalmente dos idosos e deficientes. Apenas as comunidades quilombolas Tijuáçu e Cariacá possuem algumas ruas pavimentadas, e mesmo assim, ainda foram registrados os problemas descritos acima nestas comunidades, problemas similares mencionados por Freitas *et al.* (2018) em comunidade quilombola na Amazônia brasileira.

A partir deste resultado e comparando ao estudo de Sardinha *et al.* (2019) em que há correlação dos resultados das médias entre os quatro domínios do WHOQOL-bref (domínios físico, psicológico, meio ambiente e relações sociais) fica demonstrado que a qualidade de vida em comunidade quilombola segue um padrão em relação aos domínios físico, psicológico, relações sociais com escores similares a outros estudos. Porém, há disparidade no domínio do ambiental, que registra os menores escores, resultados observados também no estudo de Sardinha *et al.* (2019) em Alcântara, Maranhão, Brasil. No entanto, numa perspectiva geral de análise dos escores apresentados, o resultado é uma qualidade de vida positiva, ou seja, uma percepção positiva das mulheres relacionada a sua qualidade de vida a partir do resultado geral dos escores. Contudo, fica evidente a necessidade na observância e implementação de alguns aspectos e ajustes voltados à infraestrutura, à regularização fundiária, à saúde, ao lazer e ao acesso à renda.

CONCLUSÕES

As mulheres de Tijuaçu vivem sob condições desfavoráveis, quanto ao acesso à saúde, à infraestrutura básica, à terra para produção, à renda, e ao lazer e recreação. Isto leva à dependência de programas assistenciais, a exemplo do Programa Bolsa Família, que oferece o mínimo necessário para subsistência e mesmo assim é considerado essencial pelas entrevistadas. No entanto, não se diferencia em melhorias dos níveis de qualidade de vida das mulheres, pois mantém as famílias em situação de vulnerabilidade econômica. Ao considerar o resultado geral dos escores, obtidos a partir da aplicação do questionário WHOQOL-bref da Organização Mundial de Saúde e análise dos dados, tanto em relação às facetas e aos domínios, essas comunidades enquadram-se na percepção positiva da qualidade de vida, mesmo com registro de valores abaixo do ponto de corte para o domínio ambiental. Diante desta constatação, sugere-se prioridade no desenvolvimento e implantação de ações voltadas à melhoria das condições de saúde física e emocional, acesso à renda, infraestrutura, regularização fundiária, viabilizando a autonomia produtiva e financeira destas comunidades aqui representadas pelas 313 mulheres envolvidas na pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. S. *et al.* Análise socioeconômica de agricultores da comunidade quilombola do Abacatal, Ananindeua, estado do Pará, Brasil. **Biota Amazônia**, v. 7, n. 1, p. 30-37, 2017 Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/biota>. Acesso em: 15 jul. 2018.

BARBETTA, P.A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 7. ed. Florianópolis: UFSC, 2010.

BRASIL. Portaria que instituiu o Programa Bioeconomia Brasil– Sociobiodiversidade. MAPA, 2019. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/publicada-portaria-que-institui-o-programa-bioeconomia-brasil>. Acesso em: 25 jan. 2020.

BRASIL. Transferência de renda. Ministério da Cidadania. Disponível em: <https://desenvolvimentosocial.gov.br/noticias/mais-de-1-7-milhao-de-familias-na-bahia-podem-sacar-o-bolsa-familia-a-partir-desta-quarta-feira-12>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CARVALHO, A. S.; OLIVEIRA E SILVA, D. Perspectivas de segurança alimentar e nutricional no Quilombo de Tijuaçu, Brasil: a produção da agricultura familiar para a alimentação escolar. **Interface**, v. 18, n. 50, p. 521-532, 2014.

COUTO, P. N. A. Território quilombola de Tijuaçu. **Caderno do LEME**, v. 4, n. 2, p. 91-221, 2012. Disponível em: <http://www.leme.ufcg.edu.br/cadernosdoleme/index.php/leme/article/view/82>. Acesso em: 8 maio 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ENNES, M., MARCON, F. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, v. 16, p. 274-305, 2014.

FLECK, M. P. A. *et al.* Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida “WHOQOL-bref”. **Rev. Saúde Pública**, v. 34(2), p.178-183, 2000.

FREITAS, C. M. *et al.* Conquistas, limites e obstáculos à redução de riscos ambientais à saúde nos 30 anos do Sistema Único de Saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 23, n. 6, p.1981-1996, 2018.

HINKLE, D. E.; WIERSMA, W.; JURIS, S. G. **Applied Statistics for the Behavioral Sciences**. 5. ed. Boston: Houghton Mifflin, 2003.

LOPES, A. T. N. **Estudo da sustentabilidade e do manejo de ovinos e caprinos na comunidade de Fundo de Pasto Curral Novo, região de Massaroca, Juazeiro, Bahia**. 2010. 78f. Dissertação (Pós-graduação em Extensão Rural) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Espaço Plural, Juazeiro-BA. 2018.

MARQUES, L. S. As comunidades de fundo de pasto e o processo de formação de terras de uso comum no semiárido brasileiro. **Soc. nat.**, v. 28, n. 3, p. 347-359, 2016.

MARTINS, L. A. R.; NISHIJIMA, T. Preservação ambiental e qualidade de vida em comunidades quilombolas. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v.1, n.1, p. 59-69, 2010.

MOREIRA, P. C.; BARREIRA, M. I. J. S.; SANTOS, J. O. Empoderamento das mulheres quilombolas: contribuições das práticas medicinais desenvolvidas na ciência da informação. Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal. **Revista Em questão**, v. 22, n. 2, p.114-139, 2016.

NEVES, P. D. M.; MENDONÇA, M. R. (Re) Existência e permanência no campo através do associativismo e cooperativismo. **Revista Equador**, v. 6, n. 2, p.44-59, 2018.

OMS. Promoción de la salud: glossário, Genebra: OMS, 1998.

PEDROSO, B. *et al.* Cálculo dos escores e estatística descritiva do WHOQOL-bref através do Microsoft Excel. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, v. 2. n. 1, p. 31-36, 2010.

REVISTA EXAME. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsa-familia-ja-tem-fila-de-35-milhoes-de-pessoas>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SARDINHA, A. H. L. *et al.* Quality of life for elderly quilombolas in the Brazilian northeast. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 22. n. 3, p.1-10, 2019.

SHIRAIISHI NETO, J. (org.). **Pareceres Jurídicos: Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Projeto Nova cartografia Social da Amazônia - n. 01. Amazonas. UEA, 2007.

SILVA, P. A. B. *et al.* Cut-off point for WHOQOL-bref as a measure of quality of life of older adults. **Revista Saúde Pública**, v. 48, n. 3, p.390-397, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n3/0034-8910-rsp-48-3-0390.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUSA, M. R. S.; SANTOS, J. J. F. Territorialidade quilombola e trabalho: relação não dicotômica cultura e natureza. **Revista Katál**, v. 22, n. 1, p. 201-209, 2019.

SOUZA, P. H. G. F.; OSORIO, R. G.; PAIVA, L. H. **Os efeitos do programa bolsa família sobre a pobreza e a desigualdade: um balanço dos primeiros quinze anos**. Rio de Janeiro: IPEA, 2019.

TORALES, A. B. P; SOBRAL, H. C. F.; OLIVEIRA, C. C. C. Representação social de problemas ambientais por mulheres quilombolas. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 41, p. 2-10, 2019.

Artigo recebido em: 21 de setembro de 2021.

Artigo aprovado em: 30 de setembro de 2021.